

Aspectos Metodológicos

“A era da investigação livre de valores para as disciplinas humanas acabou.”
(DENZIN E LINCOLN, 2006, p.33-34).

Conforme mencionado anteriormente, minha identidade moldada pela fé protestante foi fator decisivo na escolha do tema a ser abordado nesta pesquisa, ou seja, entender de que forma as pessoas que compartilham da rede de crenças da Teologia da Prosperidade constroem sentidos para suas vidas (principalmente material e profissional) no mundo social. A opção por esse assunto, no entanto, não se deu sem conflitos internos, os quais estavam associados, basicamente, a dois fatores: o primeiro é que, sendo professor regente em duas redes públicas municipais, achar mais relevante profissionalmente realizar uma pesquisa que abordasse questões ligadas à minha prática docente; o segundo fator (e o que demandou maior esforço de superação) era o fato de o tema que gradualmente me seduzia (o desta dissertação) tratar de experiências pessoais e bastante subjetivas; a possibilidade de posicionar-me (criticamente) em relação à crença de outrem não me deixava à vontade; sobretudo, constituía-se (e ainda se constitui) num tópico pouco abordado na academia (principalmente no campo dos estudos linguísticos).

Tendo resolvido essas questões internas e superando os receios, fui movido da intenção de *explicar* os motivos dos fracassos (ou eventuais sucessos) de parte do sistema educacional para a tentativa de *compreender* os meandros da Teologia da Prosperidade (movimento perceptível no seio de um número cada vez maior de comunidades evangélicas), com base nos relatos daqueles que se alinham as suas

crenças.

4.1.

Pesquisa Qualitativa e prática interpretativa

A possibilidade (para não dizer a premência) de se trabalhar pelo método qualitativo de pesquisa discursiva – marcado por um caráter naturalista, bem como pela investigação participativa, pela observação participante e pela análise interpretativa – talvez tenha sido o principal responsável pela guinada no escopo deste trabalho dissertativo¹. Esse modelo de pesquisa, que nasce “de uma preocupação de entender o outro (...)” (DENZIN E LINCOLN, 2006, p.15), adequa-se muito bem ao presente trabalho pois não obstante, para mim, este “outro” não seja necessariamente exótico, de outra cultura – posto que compartilhe com ele muitas crenças básicas da fé protestante –, é sempre importante atentar para a observação de Velho, para quem “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido (...)” (1978, p.39).

A pesquisa qualitativa também “implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados (...)” (DENZIN E LINCOLN, 2006, p.23), e seus pesquisadores buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado (idem, p.23). Para isso, tal método de investigação social valoriza o uso de práticas materiais que buscam dar visibilidade ao mundo através de uma série de representações que um sujeito localizado no mundo (pesquisador ou observador) gera ao longo de seu trabalho de campo; tais representações (entrevistas, artefatos e textos, por exemplo), que “descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos (...)” (ibidem, p.17), deverão auxiliar o pesquisador na melhor compreensão do assunto pesquisado e na obtenção de importantes *insights* sobre o mesmo (cf. NELSON et al, 1992.; apud DENZIN E LINCOLN, 2006, p.21).

Posto que cada prática garantiria uma visibilidade diferente ao mundo e

¹ Embora esse tipo de pesquisa se adéque muito bem ao tema que antes pensava desenvolver, a possibilidade de mergulhar em contextos alinhados à TP a fim de entender melhor os seus discursos se me tornou irresistível.

que o trabalho qualitativo não apresenta um conjunto distinto de métodos ou práticas de uso exclusivo, recomenda-se, neste tipo de pesquisa, o emprego de mais de uma representação com o intuito de melhor conhecer o objeto de estudo, jamais olvidando que, em qualquer estudo empreendido sob essa perspectiva, a “realidade objetiva” nunca poderá ser captada, devendo ser encarada mais ou menos como uma “objetividade relativa” (cf. VELHO, 1978). Isso porque essa pretensa realidade estará invariavelmente filtrada por um determinado ponto de vista do observador. De certa forma, pode-se dizer que se trata de uma “objetividade ideológica”, uma vez que pode ser percebida de maneira diferenciada, sendo um produto das práticas interpretativas.

“Muitos pesquisadores quantitativos consideram não confiáveis, impressionísticos e não objetivos os materiais empíricos produzidos pelos métodos interpretativos” (DENZIN E LINCOLN, 2006, p.24), através dos quais os pesquisadores qualitativos tentam entender ou interpretar os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (idem, p.17). De fato, é mais provável que estes venham a enfrentar as limitações do mundo social cotidiano, dado que os primeiros dificilmente estudam-no diretamente, encontrando-se “acima e fora das limitações da vida cotidiana” (ibidem, p.24) com sua ciência baseada em grandes quantidades de casos selecionados aleatoriamente; fazem-no porque “presumem uma realidade estável, imutável passível de ser estudada com a utilização dos métodos empíricos da ciência social objetiva” (HUBER, 1995; apud DENZIN E LINCOLN, 2006, p.22). Tal concepção confronta-se com o que tenho observado ao longo desta pesquisa, a saber, (i) que o processo de entendimento da vida social implica certo grau de subjetividade, tendo caráter aproximativo e não definitivo (VELHO, 1998, p.42), e (ii) que “os significados sociais não são passíveis de descoberta, e sim de construção ativa” (BASTOS E BIAR, 2015, p.102).

Sob esse entendimento, a alternativa oferecida pelo método qualitativo à questão da validade tem sido o uso de métodos diversos, conforme mencionado anteriormente. Para Flick (1998; apud DENZIN e LINCOLN, 2006, p.19)

“a melhor maneira então de compreendermos a combinação de uma multiplicidade de práticas metodológicas, materiais empíricos, perspectivas (...) em um único estudo é como uma estratégia que acrescenta rigor, fôlego, complexidade, riqueza e profundidade a qualquer investigação”.

Para esta dissertação de mestrado, pensava inicialmente em realizar entrevistas com pessoas alinhadas à TP; contudo, algumas limitações² forçaram-nos a fazer algumas adaptações. Por isso, e ancorados na informação de que “as opções de práticas interpretativas a serem empregadas não são necessariamente definidas com antecedência” e que “a escolha das práticas da pesquisa depende das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem de seus contextos” (NELSON et al., 1992; apud DENZIN E LINCOLN, 2006, p.18), decidi focar a pesquisa em testemunhos gerados a partir de programas da mídia televisiva e virtual, concedidos por pessoas alinhadas aos pressupostos da TP e que, em decorrência disso, teriam experienciado algo reportável relativamente as suas vidas financeiras e/ ou profissional.

Os testemunhos são práticas linguísticas bastante comuns em contextos culturais protestantes, mormente entre pentecostais e neopentecostais. Podem ser entendidos como quando uma pessoa, voluntariamente ou sob solicitação de outrem, relata alguma experiência em que acredita ter recebido uma graça divina: cura, obtenção de emprego ou conversão à fé protestante de um familiar, por exemplo. A reportabilidade dos testemunhos reside justamente no fato tratarem de eventos atribuídos à intervenção divina, incomuns por quebrarem uma ordem normal de acontecimentos. Assim é que acontecimentos banais como uma gravidez, por exemplo, podem ser motivo de testemunho caso a mulher tenha algum dia recebido o veredito de um especialista de que jamais engravidaria.

Por fim, cabe dizer que embora os sentidos e objetivos dos testemunhos sejam diversos (estimular a fé alheia, simbolizar um ato louvor e agradecimento a Deus ou simplesmente compartilhar uma boa notícia), acredito que no caso da teologia da prosperidade os testemunhos sobre finanças veiculados midiaticamente tenham se tornado o veículo mais eficaz de propagação desse discurso, fato que é conhecido pelos líderes dessas igrejas e usado com bastante propriedade.

² No período de geração de dados, somente ex-adeptos da TP se dispunham a contribuir com nossa pesquisa; por outro lado, as pessoas com quem estabeleci contato pessoal (e com as quais tentava tirar algumas dúvidas) após as reuniões às quais compareci mostravam-se bastante reticentes em falar sobre suas experiências, expectativas ou acerca de símbolos ligados à TP; a conquista de confiança de algum fiel, contornando essa situação, levaria tempo e se tornaria praticamente inviável uma vez que a maioria dos cultos voltados para a busca da prosperidade ocorre na segunda-feira e o nosso intento era o de visitar várias igrejas alinhadas a esse sistema de coerência.

Cabe dizer aqui que boa parte desses testemunhos são estruturados em forma de entrevistas para as quais estudiosos recomendam tipos específicos de pergunta inicial a fim de que o entrevistado tenha melhores condições de nela (na entrevista) se posicionar (cf. ROLLEMBERG, 2013). Tal postura, com a consequente adoção de perguntas relativamente padronizadas, deve-se ao fato de muitos entrevistadores (líderes religiosos, no presente caso) entenderem que o que se estabelece numa entrevista seja apenas a transmissão de informações de um interactante para outro.

Contudo, conforme Frias (2013), que vê como problemática a possibilidade de se obter conhecimento de modo neutro através da entrevista, acredito que tais encontros resultem numa coconstrução, em que entrevistador e entrevistado participam ativamente para construir realidades, subjetividades e para a produção de sentidos. Ora, são essas realidades mesmas, coconstruídas pelos participantes para uma plateia que em sua maioria pode estar por detrás de uma tela de TV ou de um outro equipamento eletrônico, que busco compreender.

Assim, ainda que como pesquisador fosse eu mesmo o entrevistador, precisaria considerar que

“quando falam sobre suas vidas, as pessoas mentem às vezes, esquecem muitas coisas, exageram, confundem-se e interpretam coisas erradas. Ainda assim elas estão revelando verdades. Essas verdades não revelam o passado 'como ele realmente foi', aspirando a um padrão de objetividade” (Personal Narratives Group, 1989; apud Riessman, 1993).

Para além disso, num trabalho dessa natureza, é preciso considerar que

“Ao contrário da verdade do ideal científico, as verdades das narrativas pessoais não estão abertas à comprovação nem são autoevidentes. Nós chegamos a entendê-las somente através da interpretação, atentando cuidadosamente para os contextos que moldam sua criação e às visões de mundo que constituem-nas” (idem).

Fundamentado nessas concepções é que busquei aprofundar alguns entendimentos sobre a forma como os adeptos da TP manejam os elos de causalidade entre os eventos de suas histórias (cf. LINDE, 1993); manejo esse que, ressaltado, tem como intuito tornar os testemunhos (narrativas) coerentes (admissíveis) à sua plateia.

4.2.

A pesquisa de campo e o contexto

Uma vez que “a concepção que os atores fazem para si do mundo social constitui em última análise o objeto essencial da pesquisa sociológica” (COULON, 1995, p.14) e que “o autêntico conhecimento sociológico nos é concedido na experiência imediata, nas interações de todos os dias” (idem, p.15), fez-se necessário suplementar o trabalho empreendendo também uma pesquisa de campo, “útil para dar conta da complexidade necessária à apreensão dos processos de construção de sentido” (BASTOS e BIAR, 2015, p.103).

O trabalho de campo teve início informal no último trimestre de 2014, logo após os primeiros encontros com a orientadora. A pesquisa de “inspiração etnográfica” (cf. BASTOS e BIAR, 2015) consistiu em frequentar e participar dos cultos das seis igrejas previamente selecionadas, preferencialmente os voltados para a busca da prosperidade; além disso, por minha conta, procurava sempre que possível assistir aos programas de TV de responsabilidade das mesmas. É possível dizer que esse trabalho de campo, de um modo geral, não me foi custoso; posso dizer até que me senti bem à vontade em muitos momentos (durante os cânticos e na maior parte dos sermões, por exemplo), mas consideravelmente desconfortável em outros (como durante os pedidos reiterados de ofertas e prática de “exorcismos”).

As visitas regulares só se dariam no ano seguinte, período em que as idas às reuniões passaram a ser registradas e durante o qual frequentei, ao longo de quatro meses (fevereiro a junho de 2015), todas as igrejas previamente selecionadas³. Ia aos cultos pelo menos uma vez por semana e, caso isso não fosse possível, compensava essa ausência indo a duas reuniões na semana seguinte; tal fato só foi possível porque em algumas dessas igrejas há várias reuniões ao longo do dia. Assim, numa mesma segunda-feira poderia participar de uma reunião à tarde numa igreja e à noite, em outra. Este foi o período mais intenso de minha pesquisa.

Meu intuito era o de, a cada ciclo de seis semanas, ter visitado pelo menos

³ Ver anexo 1.

uma reunião de cada denominação (o que nem sempre foi factível); em duas das igrejas participei de cultos em diferentes filiais; em nenhuma delas realizei qualquer tipo de gravação de vídeo ou áudio e em todas fazia anotações acerca de testemunhos, de comentários dos pastores, de mensagens, de imagens (exibidas em telões ou em murais nas igrejas) e tudo o mais que sabia ser necessário “refletir sobre” *a posteriori*; quando tinha abertura, conversava com frequentadores dos cultos e nunca rejeitava qualquer coisa que era distribuída aos presentes na reunião (folhetos, rosas unguidas, livros, envelopes de ofertas com imagens ou mensagens sugestivas, saquitéis, etc.). Estes objetos foram fotografados, um por um, por entender representarem símbolos que colaboram na construção de significados para aqueles que compartilham dessa visão do evangelho.

Considerando-se a média de duas horas para cada reunião, calculo ter passado ao menos trinta e cinco horas participando de cultos nessas igrejas, a maioria dos quais com foco na prosperidade financeiro-material. As pregações, testemunhos, orações e cânticos associados a outros atos simbólicos do culto serviram como experiência na tarefa de tentar entender e interpretar a Teologia da Prosperidade.

Quanto aos contextos dos dados aqui analisados – os testemunhos veiculados por mídia audiovisual –, vemo-los como bastante ricos e diversos; contudo, a descrição dos mesmos limitar-se-á aos aspectos comuns mais relevantes, que contribuam para a criação de entendimentos sobre o sistema de coerência da TP.

Primeiramente, é notório salientar o estágio de desenvolvimento em que se encontra a telemidiática evangélica nos dias atuais, o qual pode ser mensurado parcialmente pelo surgimento de termos como “telerreligiosos”, “telefiéis” (FAUSTO NETO, 2008) e assemelhados, que surgiram a reboque da invasão religiosa (principalmente neopentecostal)⁴ a esses veículos de comunicação. De fato, atualmente há programas evangélicos em todos os canais abertos (à exceção

⁴ A linguagem (neo)pentecostal mostra-se fluida para a comunicação televisiva devido a sua natureza performática. Tratando-se das igrejas pentecostais que estão presentes na televisão, não há descontinuidade entre a linguagem do templo e a comunicação que veiculam na televisão. No caso das Igrejas Evangélicas de Missão, as liturgias dominicais, ainda que editadas, são de difícil enquadramento no chamado *time* da televisão (FIGUEREDO FILHO, 2010, p.77 apud ARAÚJO, 2013, p.167).

da Rede Globo e do SBT) e segundo o teólogo sociólogo Figueredo (2010, apud ARAÚJO, 2013, p.163) “o poder político dos evangélicos no Brasil contemporâneo está associado diretamente às suas redes de comunicação”, principalmente as mediadas eletronicamente.

Deixando para trabalhos futuros a discussão sobre como se conjugou a relação igreja-política-expansão telemidiática religiosa, por hora basta dizer que se “na igreja americana a TV evangélica é lucrativa e financiada pelos telespectadores” (MARIANO, 2005; apud ARAÚJO, 2013, p.167), aqui no Brasil tanto a presença quanto a permanência desse tipo de programação na grade das emissoras é sustentada por dízimos, ofertas e contribuições não só do público evangélico, mas também das demais audiências da população brasileira.

Tais doações⁵ são potencializadas, no contexto virtual, através de links como “Doe agora”, “Doações *on line* – simples, rápido e seguro – clique aqui”, “Envie sua oferta especial – clique aqui”, etc. Geralmente esses links levam o visitante das páginas virtuais das igrejas a uma tela onde lhe será dada a opção de realizar a contribuição através de cartão de crédito, débito em conta ou boleto bancário, além, é claro, da possibilidade de realização de depósito em conta. No contexto televisivo, caracterizado por outra dinâmica de interação, há outros dispositivos criados para dinamizar essa captação, que variará de acordo com o tipo de público a que se destina.

No único programa (de uma dessas igrejas) veiculado em horário nobre na TV aberta – caso típico de um fenômeno cultural chamado “igreja eletrônica” – o pedido de ofertas, por exemplo, é feito num momento específico pelo oficiante, que se dirige à plateia presente no templo e a que se encontra em suas residências, por exemplo; neste programa (ambientado numa igreja que se assemelha a um auditório), o público é exposto à apresentação de cantores *gospel*, ao sermão pastoral e às orações; ouve apelo e também os clássicos testemunhos – compartilhados por pessoas da plateia ou enviados por carta. Ao longo do programa, que tem tradução simultânea para a língua brasileira de sinais, há também espaço para aconselhamento pastoral e reposta a dúvidas (sobre questões

⁵ Conforme veremos, no sistema de coerência da TP a oferta é entendida como “semeadura”, que no futuro deverá ser colhida em forma de bênçãos financeiro-materiais pelo ofertante, independentemente da fé religiosa que professa.

de natureza das mais diversas) dos fiéis.

Já no programa de uma outra igreja, veiculado através de um canal próprio, integrante de uma TV a cabo, enquanto na tela exibia-se o desenrolar do culto, com imagens de pessoas cantando hinos, fazendo orações de forma fervorosa e testemunhando sobre milagres que asseguravam ter acontecido nas suas vidas ou na de familiares, as seguintes legendas corriam numa faixa azul na parte inferior da tela:

“Ajude a obra de Deus no mês de abril com oferta de ouro, incenso e mirra⁶. Ligue agora na central de atendimento tel. (0XX11) 0000-0000 / 0000-0000. Deposite sua oferta diretamente nas contas da igreja X. BB ag. 0000 cc 0000 e Banco Bradesco ag 0000 cc 0000”.

Por fim, há também os casos em que o pedido de oferta não é feito pela TV; isso somente será feito na igreja, de forma reiterada e agressiva, logicamente aos telespectadores que tenham respondido a convocação do apresentador e comparecido à reunião em prol da prosperidade. O convite é feito através de apelos como “prosperidade, crescimento, vitórias, total superação: venha em busca de todas essas conquistas na nação dos 318”. Tais chamadas são entremeadas pela exibição de testemunhos de pessoas que alcançaram “bênçãos materiais” e por pequenas matérias (ao estilo de reportagens) ligadas a questões econômico-financeiras, como uma que tratava sobre o aumento da taxa de desemprego no Brasil e que fazia-se seguir da frase: “E você, quer continuar fazendo parte dessa estatística de desempregados?”

Em relação às páginas virtuais das igrejas na internet, percebe-se que as mesmas apresentam não poucos pontos convergentes: além da presença dos links referidos acima, há os que conduzem o internauta a uma página de cadastramento para que entre no sistema de parcerias (dos quais falarei mais adiante); há links pelos quais se acessam mensagens (gravadas ou escritas) dos líderes das igrejas e também testemunhos que reportam curas e acontecimentos ligados às vidas financeira ou familiar; estão ali disponíveis os endereços de todas as igrejas daquela denominação, os horários e os perfis das reuniões de acordo com o dia da semana (saúde, prosperidade, vida amorosa, etc.). Em algumas delas pode-se obter

⁶ (1) Seus valores são pré-fixados, variante de acordo com o tipo de oferta escolhido; (2) os números de telefone e dados bancários foram alterados.

informação sobre as agendas de seus líderes (em que cidade estão no dia X); pode-se inclusive, através delas, enviar pedidos de oração. Como algumas dessas igrejas são verdadeiras corporações, nessas páginas também há links que conduzem a livrarias e lojas *on line*, a páginas de editoras ou gravadoras que constituem braços do conglomerado em que se tornaram tais instituições.

Aspecto bastante interessante é a evidente onipresença de imagens dos seus líderes nas mesmas (em 100% dos casos); pode haver também *links* com os nomes dos principais pastores, para os que se interessarem por saber sobre suas trajetórias de vida. O efeito disso é que tais denominações, diferentemente da maioria das demais igrejas protestantes brasileiras, passam a ter uma cara, um rosto, uma feição, que não é outra senão a de seu próprio líder. Como os recursos tecnodiscursivos dessas igrejas ampliam-se cada vez mais, tornando-se quase impossível não travar contato com eles no dia a dia, decorre daí um aumento do poder simbólico desses líderes junto à significativa parcela da sociedade, além de fortalecer sua imagem (para o bem ou para o mal), alçando-os a uma posição de influência para com setores estratégicos tanto no meio religioso quanto na sociedade secular.

Por fim, transformações sofridas por alguns desses *sites* ao longo do curto período desta pesquisa vêm confirmar um dos pressupostos do método de pesquisa qualitativo na pós-modernidade, a saber, o de que todo conhecimento produzido é situado no tempo e no lugar: na época em que iniciei a pesquisa, os quadros com os logos de banco, agência e número de conta para depósito de ofertas encontravam-se, geralmente, em mais de uma posição nas páginas das igrejas (superior, meio, inferior). Essas figuras tinham dimensões consideráveis e às vezes contavam com um recurso para chamar a atenção do internauta (como aparecer e sumir); atualmente, talvez com o fim de evitar escândalos junto à audiência cujas ofertas tanto almeja conquistar, esses dispositivos diminuíram de tamanho e em alguns sites só vão ser encontradas por aqueles que clicam nos links destinados a quem desejar contribuir financeiramente.

4.3.

Os dados

Este trabalho de pesquisa sociodiscursiva, no se utilizam alguns construtos da Sociolinguística Interacional, situa-se na área designada como análise da narrativa. A opção de estribar este trabalho na análise de narrativas deve-se não só ao fato de acreditarmos que “analisando histórias podemos alcançar e aprofundar inteligibilidades sobre o que acontece na vida social” (cf. BASTOS & BIAR, 2015, p.98), mas também pelo fato dos testemunhos se estruturarem, quase sempre – conforme sugerem os dados – como narrativas de história de vida.

Os instrumentais da SI (pistas de contextualização, enquadre, etc.), por sua vez, nos ensejam perceber como as narrativas funcionam em relação ao que está sendo dito (ilustrando, explicando, argumentando, etc.), como novos tópicos são introduzidos, que “recorrências e evitações ou resistências” estão presentes (idem, p.108). Em suma, que ações estão sendo realizadas no momento e situação em que o testemunho se desenrola.

Embora o sistema de coerência (cf. LINDE, 1993) da Teologia da Prosperidade apresente diferentes matizes para cada igreja cujo sistema de crenças integra, podem-se notar várias características comuns entre essas instituições; por isso, optei por selecionar seis igrejas (cinco delas neopentecostais) como referência para o trabalho. Todas são bastante familiares à comunidade protestante carioca, brasileira e (quiçá) lusófonas internacionais e os nomes de seus líderes já deve ter sido ouvido pelo menos uma vez pela maioria da população adulta brasileira. São elas a Igreja Universal do Reino de Deus (doravante, IURD), Comunidade Cristã Paz e Vida (doravante, Paz e Vida), Igreja Internacional da Graça de Deus (doravante, Internacional da Graça), Igreja Apostólica Renascer em Cristo (doravante, Renascer), Igreja Mundial do Poder de Deus (doravante, IMPD) e Assembleia de Deus Vitória em Cristo⁷ (doravante, Vitória em Cristo).

Pode-se afirmar que, dentre tantas outras igrejas que no Brasil se alinharam à rede de crenças da TP, essas são provavelmente as maiores (em

⁷ O pastor da Assembleia de Deus Vitória em Cristo é também o líder da Associação Vitória em Cristo, produtora e mantenedora dos seus programas veiculados pela TV. Por isso, consideraremos o discurso contido no *site* da Associação como correlato ao da Igreja de mesmo nome.

número de membros ou frequentadores); são também as que mais maciçamente fazem uso de mídia tanto televisiva, quanto radiofônica, impressa e virtual, possuindo gravadoras e editoras próprias (Vitória em Cristo, por exemplo), bem como redes de emissoras de rádio (Paz e Vida e Renascer, por exemplo) redes de canais em TV aberta (IURD) ou fechada (Internacional da Graça e IMPD, por exemplo).

Um olhar cauteloso para com “as generalizações fáceis, com a homogeneização e simplificação do que é observado” (BASTOS e BIAR, 2015, p.104) é capaz de mostrar algumas práticas e aspectos assemelhados entre elas: a forte admiração que seus membros nutrem por seus líderes⁸, a autoridade conferida pelos fiéis às palavras emitidas por seus pastores a partir “do altar” e a separação de um dia da semana para a realização de cultos voltados para a prosperidade⁹. Além disso há também atos simbólicos sobre os quais discorro durante as análises dos testemunhos, tal como as parcerias, as campanhas e aquilo que neste trabalho chamo de oração tipo catarse.

Conforme informado anteriormente, os dados deste trabalho consistem em testemunhos concedidos por pessoas alinhadas aos pressupostos da TP, todos gerados durante o trabalho de campo a partir de programas de TV ou dos *sites* de algumas das igrejas relacionadas. O número total de testemunhos vistos e ouvidos¹⁰ antes de selecionar aqueles sobre os quais me debrucei era superior a sessenta, totalizando mais de 3 horas de relatos de pessoas das mais diversas classes sociais, idades, gêneros e regiões do Brasil; eram histórias de extensão diversa, a maior delas com aproximadamente nove minutos de duração e a menor com apenas 20 segundos; todas, sem exceção, foram geradas a partir de *sites* ou programas televisivos ligados às diferentes denominações mencionadas acima.

Isso significa dizer que todos os depoimentos, portanto, depois de gravados e/ou editados pela equipe de produção das igrejas, foram ou estão intencionalmente tornados acessíveis às pessoas que não se faziam presentes no momento de sua primeira materialização; por fim, importa dizer também não tive

⁸ Quando se anuncia sua presença em alguma igreja da denominação, o templo lota.

⁹ Realizados sempre às segundas-feiras, em um ou diversos horários: “Unção da prosperidade” (Internacional da Graça), “Crescimento financeiro” (IMPD), “AREPE” (Associação Renascer de empresários e profissionais evangélicos) e “Congresso Empresarial dos 318” (IURD).

¹⁰ Alguns testemunhos exibidos na TV foram gravados com celular na minha ausência; nestes casos, só tenho acesso ao áudio.

contato pessoal ou por qualquer outro meio com nenhum dos protagonistas das histórias relatadas.

Todos os testemunhos emergiram em situações diferentes quanto aos contextos locais, audiência e distância espaço-temporal (em relação aos interlocutores); tais construções serão tomadas como base do trabalho por entender, conforme Bastos e Santos (2013, p.27-8), que

“a pesquisa de caráter interpretativista se caracteriza, entre outros aspectos, pelo procedimento de gerar dados e desenvolver a análise de elementos presentes na prática da linguagem em determinadas situações sociais, de determinado falante ou de uma dada comunidade discursiva (...)”

Por fim, considerando a dimensão e o escopo desta pesquisa, não sem pesar fui obrigado a, num dado momento, selecionar somente alguns testemunhos – 3 a 5 – que deveriam servir como urdidura no intuito de construir conhecimentos sobre esse fenômeno social que, aparentemente, tem extrapolado as fronteiras do protestantismo¹¹. Dei preferência àqueles que continham narrativas mais canônicas quanto aos critérios labovianos (cf. LABOV, 1972) e em cuja construção os elementos de interesse de minha pesquisa fossem evidentes (BASTOS e SANTOS, 2006; apud SANTOS, 2013).

4.4.

Segmentação e Transcrição

Os processos de segmentação e de elaboração das transcrições utilizados neste trabalho procuram seguir os critérios de Sacks, Schegloff & Jefferson (1974 [2003]) e Garcez, Bula & Loder (2014), os quais foram construídos sob a convicção de que não existe “transcrição desinteressada” (BUCHOLTZ, 2000, apud GARCEZ, 2014, p.5) ou perfeita, e de que “devemos estar criticamente conscientes das implicações teóricas, políticas e éticas do nosso processo de transcrição e dos produtos finais que deles resultam.” (DURANTI, 1997, apud

¹¹ Pelo menos é o que sugere o apelo do apresentador do programa “Congresso dos 318”, da IURD, exibido na Rede TV! em 18/01/16, ao convocar sua audiência para ir à reunião e ser abençoada financeiramente, independentemente da religião.

GARCEZ, 2014, p.5).

Neste trabalho, o registro gráfico utilizado para transcrever as falas é o da grafia modificada (por exemplo, *cê* para *você*) posto que carrega em si tanto a vantagem de facilitar a leitura como a de não apresentar falas de forma idealizada. Essa decisão se ancora no fato desta produção ser um trabalho de cunho acadêmico, contexto em que se reduzem as possibilidades de que tais falantes sejam tomados como “desleixados” ou “ignorantes” tão somente por conta de suas falas desviantes.

Além disso, ao optar por tal modalidade de transcrição, tive o intuito de que tais informações (somadas a outras evidentes na superfície do texto narrativo) contribuíssem não para a ocorrência de “inferências injustificadas” (BUCHOLTZ, 2000, apud GARCEZ, 2014), mas justificadas sobre os falantes cuja fala está representada de modo não padrão¹².

¹² Somente não foram registrados os casos em que a variação costuma passar despercebida para a maioria dos falantes; apagamento de -r nas formas verbais, por exemplo, não serão registrados.